

Richard Morse e a história urbana da América Latina: diálogos entre os ensaios da juventude e os da maturidade.

Domingues y Beatriz Helena.

Cita:

Domingues y Beatriz Helena (2013). *Richard Morse e a história urbana da América Latina: diálogos entre os ensaios da juventude e os da maturidade*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/466>

Richard Morse e a história urbana da América Latina: a presença de Gilberto Freyre em ensaios da juventude e os da maturidade

Beatriz Helena Domingues¹

Conforme sugerido pelo título, esta comunicação propõe uma espécie de genealogia da abordagem das cidades latino-americanas obra do historiador norte-americano Richard Morse (1922-2001) desde sua tese de doutorado sobre São Paulo nos anos 1950 até as formulações mais abrangentes e filosóficas da maturidade, que incluem um ensaio pouco conhecido sobre o tema, denominado “Cidades como pessoas”, de 1992.² A ideia é mostrar como, em ensaios sempre comparativos, o autor unia, a seu modo, as duas Américas através de seus escritores favoritos em ambas. Talvez tenha sido isso que o levou a procurar, assim que chegou a São Paulo, os poetas e escritores, antes de se debruçar sobre os arquivos.

Em conversas no princípio da década de 1980, Morse disse que percebia uma forte diferença entre as cidades no estágio em que um único observador as podia testemunhar e descrever (a era dos viajantes do século XIX, tal como Saint-Hilaire, que ele usou em seus dois ensaios sobre a cidade na cultura política brasileira), e as cidades no estágio em que nenhum indivíduo conseguiria investigar todas as zonas de uma metrópole policêntrica. Em certo sentido, os artistas tornam-se ainda mais importantes como fonte de *insights* no estágio posterior, quando a observação e a etnografia convencional foram perdidas.³ Esse aspecto, como outros discutidos a seguir, aproximam, a meu ver, a abordagem de Morse com a de Gilberto Freyre, um pioneiro

¹ Este texto é resultado parcial de pesquisa de pós-doutorado em andamento na Georgetown University em Washington, D.C., EUA, sobre a vida e obra de Richard Morse. Aproveito a oportunidade para registrar meus agradecimentos ao CNPq pela bolsa e ao Departamento de História da UFJF pela licença concedida.

² MORSE, Richard M. "Cities as peoples" In: MORSE, Richard M. & HARDOY, Jorge E. (ed.). *Rethinking Latin American City*. Washington DC/Baltimore and London: The Wilson Center Press/The John Hopkins University Press, 1992, pp. 3-19. Esse ensaio está sendo traduzido e será incluído em uma coletânea de escritos inéditos de Morse a serem publicados pela Editora da UFMG juntamente com: "São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation". In: *HAHR*34 (1954): 419-44, "Toward a Theory of Spanish American Government". In: *Journal of the History of Ideas*15 (1954): 71-93; "Some Characteristics of Latin American Urban History". In: *American Historical Review* 67 (1962): 317-38, "The Anthropologist as Policy Consultant". In: *Economic Development and Cultural Change*. The Chicago University Press 11, 2 (1963): 190-95; e "A Prolegomenon to Latin American Urban History". In: *HAHR* 52 (1972): 359-94. Estes cinco ensaios estão sendo traduzidos para o português e serão incluídos no primeiro volume de escritos inéditos de Morse no Brasil por mim coordenado a ser publicado pela Editora da UFMG em 2013.

³ BORGES, Dain. O naturalismo e a cidade do século XX: *The Narrowest Street* de Richard Morse. In: DOMINGUES, Beatriz Helena; BLASENHEIM, Peter. (Org.). *O código Morse. Ensaios sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, pp. 98-118.

do que foi posteriormente denominado História Cultural e/ou História das Mentalidades, dentre outras.

Mas então por que Gilberto Freyre? A escolha da presença de Gilberto Freyre na produção morsiana desde a tese sobre São Paulo e dos ensaios da juventude sobre as cidades até os das décadas de 1980 e 1990 se deve, em grande medida, ao fato de Morse ter tomado claramente partido desse preceptor brasileiro, embora sem excluir outros igualmente relevantes. A dívida intelectual de Morse com alguns autores brasileiros vem sendo realçada, por exemplo, nos casos de Sérgio Buarque de Holanda e Oswald de Andrade.⁴ Mas tem sido ainda pouco analisada a forte presença de Gilberto Freyre no americano intranquilo, reconhecida pelo próprio Morse.⁵ Como veremos, referências ao autor pernambucano já estavam presentes em sua tese sobre São Paulo, mas foi na década de 1980 que Morse assumiu publicamente uma defesa de Gilberto Freyre, em um texto ainda inédito entre nós sobre os “brasilianistas”.⁶ Em 1990 discussões sobre o tratamento de cidades e sociedades como pessoas, misturando Freud, Nietzsche, clássicos da sociologia, linguística e do modernismo brasileiro perpassam os ensaios contidos em *A volta de McLuhanaíma*.⁷ Em 1995, o próprio Morse confessou que ao escrever seu livro sobre São Paulo - que pretendia ser mais uma biografia do que uma história desta metrópole que manteve o sentido de comunidade -, queria fazer uma versão urbana de *Casa Grande e Senzala*.⁸ Eu acrescentaria que tão apropriado quanto isso teria sido reconhecer a tentativa de adaptar *Sobrados & Mucambos* à capital bandeirante. Neste mesmo ano foi publicado, em inglês, “The Multiverse of Latin American Identity”, com um capítulo significativamente intitulado “Um balanço entre mito e evidencia: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda”, no qual expressa

⁴ MONTEIRO, P. M. As Raízes do Brasil no Espelho de Próspero; e DOMINGUES, B. H. Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o Modernismo brasileiro. In: DOMINGUES, Beatriz Helena; BLASENHEIM, Peter. (Org.). *O código Morse. Ensaios sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, pp. 169-208 e pp. 77-98. Durante minha pesquisa de pós-doutorado em andamento estou preparando um artigo sobre a epistolografia entre Richard Morse e Antonio Candido, além de prosseguir nas análises de suas relações com o modernismo.

⁵ “Americano intranquilo”, como era conhecido Morse entre os brasileiros, deu título à publicação: CANDIDO, Antonio e outros (org.). *Um americano intranquilo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992. O livro inclui textos de A. Candido, C. G. Mota, Francisco Falcon, Haroldo de Campos, José Murilo de Carvalho, Roberto daMatta e Wanderley Guilherme dos Santos.

⁶ MORSE, Richard M. Brazilianists, God Bless Them! What in the World is to be done? In Occasional Papers on Latin America Studies. Stanford, Berkeley, winter 1983, n.5, pp. 1-11.

⁷ MORSE, Richard M *A volta de McLuhanaíma*. Cinco estudos solenes e uma brincadeira séria. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁸ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. *A Vocaçào do Prazer*. Rio e Janeiro: Editora Rocco, 1995.p.1-5.

abertamente sua admiração por ambos, sem aderir à dicotomia que havia sido frequente entre seguidores de um ou do outro.⁹

Um ponto importante a ser ressaltado é que, enquanto o jovem Morse recém-chegado a São Paulo se encantava por nossos ensaístas e modernistas - os intérpretes do Brasil -, ele mesmo estava escrevendo trabalhos de cunho mais acadêmico, como o foi o caso da tese sobre São Paulo. Isso não exclui que, como em textos anteriores e posteriores a ela, a verve literária e ensaística de Morse fosse evidente. As afinidades com esses brasileiros e com suas respectivas interpretações do Brasil caminham, também, lado a lado com as influências já recebidas pelos mestres Allen Tate e R. P. Blackmur em Columbia University, por onde passara algumas décadas antes Gilberto Freyre.¹⁰

Divido a apresentação em duas partes: a presença mais difusa de Freyre em um ensaio de Morse sobre São Paulo de 1954, ainda inédito em português, e a defesa da perspectiva de Freyre em ensaios das décadas de 1980 e 1990.

1.Morse e os estudos sobre cidades nas décadas de 1940 a 1950: referências a Gilberto Freyre

Sobre o período inicial de sua vida acadêmica e dos estudos sobre a América Latina nos EUA Morse relatou à socióloga brasileira Helena Bomeny, em 1998, que não gostou muito de sua primeira visita a São Paulo em 1941, quando estava voltando de uma viagem ao Chile e à Argentina. Ainda assim, foi a história dessa cidade que ele escolheu como tema da tese de doutorado quando retornou ao Brasil com uma bolsa de estudos em 1947. Lembrando-se do momento ponderou, retrospectivamente:

Eu queria escrever um livro, não queria escrever uma tese, não queria entrar para o mundo acadêmico. Aquela coisa de São Paulo havia ficado na minha mente: por que surgira aquela cidade enorme que todo o mundo dizia ser a Chicago da América do Sul, e que forças econômicas teriam

⁹ MORSE, Richard. The Multiverse of Latin American Identity, c. 1920-c. 1970. In: *The Cambridge History of Latin America*, vol. 10, edited by L. Bethell, 1-129. . New York: Cambridge University Press, 1995; A multidiversidade na busca pela identidade na América Latina desde 1920 até 1970. In: BETHELL, Leslie. História da América Latina. Vol. VIII. A América Latina após 1930: ideias, cultura e sociedade. São Paulo: EDUSP, 2011. Eu analiso esta obra em: DOMINGUES, Beatriz H. “História e Literatura na busca pela identidade na América Latina no século XX: a visão de Richard Morse”. In: *Revista História da Historiografia*. Ouro Preto, vol..7, nov./dez. 2011, pp. 47-73.

¹⁰ Allen Tate, *On the Limits of Poetry* (Nova York, 1948).

eliminado de sua paisagem quase todos os sinais de uma tradição arquitetônica anterior?¹¹

Embora o projeto inicial englobasse os três primeiros séculos coloniais, ao chegar a São Paulo, quase imediatamente reduziu o escopo temporal e decidiu começar pela época da Independência. Naquela época, uma das maiores referências em termos de estudos urbanos era, para ele, Lewis Mumford, que “escrevera um livro de muita sensibilidade sobre a cultura urbana acreditando no potencial dos seres humanos de fazer cidades.” O livro ia das cidades pré-históricas e clássicas, Atenas e Roma, até o século XX: tinha uma avaliação de que “a cidade grega era boa, a romana era péssima, a medieval era boa, e a cidade industrial fora obviamente uma tragédia.” O que parece ter atraído Morse foi o fato de Mumford pertencer àquele grupo que “queria refazer a ideia de comunidade”, um pouco na linha dos ideais urbanos que Morse tinha em mente perseguir, ao invés de seguir uma orientação mais marxista, ou mesmo economicista, na perspectiva de Henri Pirenne. Ou seja, optou por uma orientação mais culturalista, ou que hoje chamaríamos de história intelectual, pensando as cidades a partir dos momentos em que se poderia perceber a experiência da comunidade.

Busquei aqueles momentos ricos de promessas, muito mais do que os determinantes históricos. Enquanto escrevia meu livro, *Formação histórica de São Paulo. Da comunidade à metrópole*, li antropólogos como Robert Redfield, que se preocupavam igualmente com a polaridade comunidade/sociedade, clássica desde Durkheim. No entanto, minha ideia não era fazer uma história linear das cidades, passando de um tipo ideal para outro, e sim indicar na metrópole atual o potencial de restauração da noção de comunidade, de uma maneira muito mais complexa e pluralista.¹²

O caminho escolhido para tratar da história da cidade de São Paulo foi, então, identificar alguns momentos culturais importantes e tentar perceber a mentalidade das pessoas. Começava pelo estabelecimento da Academia de Direito e pela publicação das primeiras revistas, passava ao romantismo, exemplificado por Álvares de Azevedo em

¹¹ BOMENY, Helena. *Uma Entrevista com Richard Morse*. Revista Estudos Históricos: Rio de Janeiro, 1989.

¹² Idem.

um primeiro momento e em um segundo com a chegada de Castro Alves na Faculdade de Direito, seguido da *Belle Époque* na década de 1890. Finalmente vinha o momento do modernismo, um movimento considerado vital por Morse não só na interpretação da história de São Paulo e de outras cidades latino-americanas como sobre vários outros temas.¹³ Morse nos informa que a sugestão para que os capítulos seguissem essa ordem veio do já mestre e amigo Antônio Cândido, que confirmou ter dado este palpite em recente entrevista na qual também reforçou sua admiração por esse livro e pelos demais que se seguiram escritos por Morse, com destaque ao *Espelho de Próspero*.¹⁴

Como já amplamente analisado, o livro de Morse sobre São Paulo foi publicado em 1954, como parte das comemorações dos quatrocentos anos da cidade. É pouco notado, entretanto, que neste mesmo ano Morse escreveu um ensaio, publicado na *Hispanic American Historical Review* intitulado “São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation”, que seguia o mesmo esquema cronológico, mas focava quase que exclusivamente nos aspectos culturais que ele considerava mais elucidativos para explicar a passagem da comunidade à metrópole.¹⁵ Neste ensaio Morse esboça uma tese muito interessante, que foi aprofundada em “Cidades como arenas culturais”: a produção cultural de uma cidade ou de um país não está diretamente vinculada ao seu desenvolvimento econômico, material. Pelo contrário, algumas vezes pode-se mesmo encontrar essa equação invertida.¹⁶ A condição de periferia pode conduzi-las, ou fazer delas, arenas culturais mais instigantes e criativas do que aquelas do centro. Não deixa que ser o que aconteceu com o modernismo no Brasil e na América Latina na segunda década do século XX em grande medida devido à crise europeia que se seguiu à Primeira Guerra Mundial.

Morse escolheu ouvir as vozes da cidade da boca dos ícones de dois movimentos literários - o romantismo e o modernismo - representados principalmente, ainda que não exclusivamente, por Álvares de Azevedo, Castro Alves, Machado de Assis, Mário e Oswald de Andrade e Lasar Segall. Essas vozes lhe mostravam uma cidade bem

¹³ Idem. A periodização estabelecida dessa maneira ajudava a perceber as mudanças econômicas, as mudanças políticas, o processo de educação, a recepção de ideias estrangeiras, etc.

¹⁴ Trata-se de uma entrevista que fiz com Antonio Candido em 8 de abril de 2013 em São Paulo, juntamente com Matthew Shirts e Maria Bitarello (tradutora de textos inéditos de Morse a serem publicados pela Editora da UFMG).

¹⁵ MORSE, Richard M. São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation. In: *HAHR*34 (1954): 419-44. Referências a esse ensaio serão feitas na segunda parte deste texto.

¹⁶ Cidades ‘periféricas’ como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro; FGV, v. 8, n.16, 1995, 205-225. A publicação original em inglês foi em 1984 e em espanhol em 1985.

diferente, bem mais pobre do que o Rio de Janeiro imperial ou as esplendorosas cidades barrocas de Minas Gerais ou Bahia. Isso porque, no século XIX, aquela pequena comunidade fundada por bandeirantes e jesuítas no século XVI ainda não apresentava uma estrutura urbana comparável com a capital imperial do país.

O provincianismo de São Paulo refletiu-se, claramente, segundo ele, em sua expressão cultural. Sua explicação para isto poderia se confundir com um trecho de *Sobrados & Mucambos*.

A cidade não herdou dos índios quaisquer artes avançadas e, de mais a mais, não possuía recursos para importar as europeias, nem tinha perspectivas ou disposição para desenvolvê-las localmente em nenhuma medida. Diante dessas limitações, a mais notável façanha talvez tenha sido a arquitetura dos domicílios patriarcais: os sobrados dentro da cidade e as chácaras em seus arredores. Estas casas eram de taipa ou terra batida, jamais do granito que deu ao Rio de Janeiro, a Recife, a Salvador e, até mesmo a Santos, uma compleição urbana europeia. Elas também eram verdadeiramente funcionais, se entendemos o termo como a beleza despreziosa decorrente do uso racional de materiais locais e de conhecimento de padrões sociais e da tradição. Um traço característico do sobrado era a rótula – um tipo de veneziana de faixas diagonais de madeira muito próximas umas das outras, em vez de persianas horizontais – que formalizou os flertes de filhas sequestradas.¹⁷

¹⁷“From the Indians the town had inherited no advanced arts; moreover, it lacked the wherewithal to import European ones, and the outlook or disposition to develop them to any extent locally. Within these limitations, the most noteworthy achievement was perhaps the architecture of the patriarchal dwellings: the sobrados within the town and the chacaras on its outskirts. These houses were of taipa, or rammed earth, and never of the granite which gave Rio de Janeiro, Recife, Salvador and even Santos an urban, European complexion. They were also truly functional, if by that term is meant the unpretentious comeliness arising from rational use of local materials and from cognizance of social patterns and tradition. Luis Saia, *Carapicuba* (ms., 1938, emprestado pelo autor) e “Notas sobre a arquitetura rural paulista do segundo século”, *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 8 (1944), pp. 247-275; Ernani Silva Bruno, “Apontamentos sobre a cidade e a casa de São Paulo no século dezenove”, *Boletim bibliográfico*, I, 3 (Abril-Junho, 1944), pp. 99-104; Saint-Hilaire, *Voyages dans les Provinces de Saint-Paul* (2 vols., Paris, 1851) APUD MORSE, Richard M. São Paulo Since Independence. pp. 420-1-.

Embora a metrópole moderna tenha confinado os sobrados e seu estilo de vida ao esquecimento, sua graça e dignidade ainda podiam ser confirmadas nas primeiras fotografias de São Paulo e em cidades do interior paulista, como Itu e outras ao longo do vale do Paraíba. Mais do que em outras partes do Brasil, a cultura europeia foi transfigurada pelo espírito popular nativo, e a compleição da futura metrópole era menos urbanizada do que suas concorrentes nacionais do Rio, Minas Gerais e Bahia.

Quais fatores teriam então contribuído para o crescimento econômico, acompanhado pelo vanguardismo de São Paulo como arena cultural no início do século XX? Sem abdicar de explicações econômicas e sociais, fartamente oferecidas no livro sobre a História de São Paulo, o autor detêm-se em personagens - viajantes, pensadores, novelistas, poetas - que, desde as últimas décadas do século XIX até as primeiras do século XX, perceberam e expressaram, criticamente, as características da cidade e, em certa medida, do Brasil.

Os primeiros sinais de mudança teriam ocorrido em meados do século XIX, quando a introvertida comunidade tornou-se centro de atração de professores e alunos de diversas partes do país. Correspondeu aos anos do romantismo, durante as décadas de 1840 e 1850, representados especialmente pelo poeta Álvares de Azevedo que entrou para a Academia em 1848 com 17 anos de idade e, como um herói romântico, morreu quatro depois.¹⁸ Seus sentimentos mistos a respeito de São Paulo sugerem a complexidade profunda de sua personalidade literária. “[Sem ter] aonde ir”, ele escreveu em uma carta, “e sem nenhum prazer em vagar pelas ruas, vejo-me na maior insipidez possível, ansioso por deixar esta tediosa vida na mal-pavimentada São Paulo”. Apesar disto, este mesmo lugar - que não tinha nenhuma das qualidades avassaladoras da selva amazônica, do sertão do Ceará, da extravagante baía do Rio de Janeiro, das vastas planícies do Rio Grande do Sul ou mesmo das contorcidas colinas e do solo avermelhado de Minas Gerais - manteve um fascínio sutil e insistente.

Segundo Morse, Lasar Segall, um dos principais pintores modernistas de São Paulo, lhe dissera, poucos anos antes, pensar que as “tonalidades” cinzas, marrons e ocre do ambiente da cidade concedem ao artista ecletismo e liberdade para uma expressão subjetiva. Embora o comentário possa ter sido um sentimento privado ou uma

¹⁸ Para sua biografia, ver a introdução de Homero Pires para o livro *Obras Completas*, de Manuel Antônio Álvares de Azevedo (8th ed.; 2 vols., São Paulo, 1942), I, XI-XXVI; Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, *Alvares de Azevedo* (São Paulo, 1931); João Pedro da Veiga Miranda, *Alvares de Azevedo* (São Paulo, 1931).

racionalização, nos lembraria das observações de Henry James sobre as atraentes belezas e tradições de Veneza, que o distraíram da “infrutífera agitação da composição”. Em Veneza, James escreveu, trabalha-se “menos congruentemente, afinal - no que diz respeito à imagem circundante - que na presença do moderado e do neutro, aos quais podemos conceder um pouco da luz da visão”.¹⁹

Assim como as tradições de São Paulo não ostentam a riqueza e a panóplia da Bahia colonial ou uma exótica cultura popular africana ou indígena, também a configuração física da cidade é “moderada” e “neutra”.²⁰

O solo não é nem rico nem estéril; a terra não é plana nem montanhosa; o clima não é frio nem tropical. Ao mesmo tempo, os elementos naturais que existem não conseguem se misturar bem ao elemento aconchegante de outros assentamentos de clima temperado. Poderíamos dizer que eles não se resolvem ou encontram-se em um tom menor, de tal forma que é encantador para uns e insosso para outros.²¹ Uma das características distintivas da cidade, por exemplo, é sua celebrada garoa, um forte nevoeiro beirando a precipitação que nasce nas massas de ar do sudoeste do Pacífico; nela, os românticos viam o mistério e a melancolia da Londres de Byron.²²

Em função disso, a literatura de meados do século em São Paulo abordava temas eram mais latentes e difusos do que no Norte, onde um autor como Gonçalves Dias (1823-1864) idealizava os costumes sobreviventes do “nobre selvagem” no Maranhão.²³ Para deduzi-los na garoa paulistana era necessária a “sensibilidade tonal” a que se refere Lasar Segall. A ambivalência de Álvares de Azevedo pode ser exemplificada em seu

¹⁹ Prefácio de *The Portrait of a Lady* (Henry James, *The Art of the Novel* [New York, 1948], pp. 40-41).

²⁰ Esta qualidade do ambiente foi percebida por viajantes da metade do século: Kid-der e Fletcher, *op. cit.*, pp. 363-364; Ida Pfeiffer, *Voyage d'une femme autour du monde* (Paris, 1880), pp. 96-98; Augusto-Emilio Zaluar, *Peregrinações pela Província de São Paulo 1860-1861* (Rio de Janeiro, n. d.), pp. 195-199.

²¹ Segundo Morse, esta qualidade do ambiente foi percebida por viajantes da metade do século: Kidder e Fletcher, *op. cit.*, pp. 363-364; Ida Pfeiffer, *Voyage d'une femme autour du monde* (Paris, 1880), pp. 96-98; Augusto-Emilio Zaluar, *Peregrinações pela Província de São Paulo 1860-1861* (Rio de Janeiro, n. d.), pp. 195-199.

²² J. de Sampáio Ferraz, “As garoas de São Paulo”, *O Estado de São Paulo* (Abril 26, 1939). “The soil is neither rich nor sterile, the land neither flat nor mountainous, the climate neither frigid nor tropical. At the same time the natural elements which do exist fail to blend in the “homeyness” of many settlements in a temperate climate. They are unresolved, one might say, or pitched in a minor key, in a way that is haunting to some, lackluster to others. One of the city’s distinctive features, for example, is its celebrated garoa, a heavy fog verging on precipitation borne in from the southwest by Pacific air masses; romanticists saw in it the mystery and melancholy of Byron’s London. J. de Sampáio Ferraz, “As garoas de São Paulo”, *O Estado de São Paulo* (Abril 26, 1939). APUD MORSE, R. M. São Paulo Since Independence. p. 424.

²³ Manuel Bandeira, *Apresentação da poesia brasileira* (Rio de Janeiro, 1946), pp. 57-70.

trabalho mais significativo: Macário. Nesse diálogo o personagem central é um estudante apaixonado pelo romantismo, recém-chegado a São Paulo, conversa com um diabo irreverente e gozador. E o autor, ambivalente, se identifica com ambos.

O tímido, diligente e apaixonado pelas mulheres de seus sonhos Álvares de Azevedo tinha como contraponto poeta Castro Alves era impetuoso, auto-assertivo, negligente com as aulas e inclinado a declamações públicas, representante, segundo Morse, da vertente deslumbrada do movimento.

Voltando à análise do Romantismo do Sr. Tate, se Álvares de Azevedo é o Shelley que se torna espiritualmente impotente diante de um mundo científico e “cai sobre os espinhos da vida”, Castro Alves se inclina a uma solução alternativa. Com a “imaginação bruta e física” de um Tennyson, ele “goza de algo como o otimismo eficiente da ciência, e nos pede que acreditemos que um rearranjo das relações externas de um homem não só o tornará um pouco mais confortável, mas também removerá o problema do mal e inaugurará a perfeição.”²⁴

Isso talvez explique por que na São Paulo de fins do século XIX as grandes realizações dos liberais - a abolição da escravidão e a proclamação da República - deixaram um vácuo ideológico ao invés de direcionar a atenção para preocupações mais complexas. “A apatia intelectual, entretanto, passou despercebida pelos paulistas devido ao entusiasmo e clamor pela concretização do progresso material”.²⁵ Ao avaliar o período pelos olhos dos românticos, Morse não esconde sua simpatia pela complexidade da avaliação dos mesmos sobre a situação. O problema das últimas décadas do século XIX foi que, frente à euforia com o crescimento urbano (indústria, comércio, bancos, etc.), existia pouca demanda para a especulação política e filosófica existente nas décadas anteriores, exceto talvez quando fragmentos de federalismo foram exumados para reprovar o governo por estar enviando para o exterior a riqueza paulista. A cidade estava tão confiante nas recompensas e na inevitabilidade do progresso que, em

²⁴ “If, returning to Mr. Tate's analysis of romanticism, Álvares de Azevedo is the Shelley who becomes spiritually impotent before a scientific world and "falls upon the thorns of life," then Castro Alves leans toward an alternative solution. With the "crude, physical imagination" of a Tennyson he "enjoys something like the efficient optimism of science; he asks us to believe that a rearrangement of the external relations of man will not alone make him a little more comfortable, but will remove the whole problem of evil, and usher in perfection.” APUD MORSE, R. Op. cit., p. 429.

²⁵ MORSE, Richard. Op. Cit., p. 430.

contraste com o Rio de Janeiro, sequer conseguia oferecer bases para o culto do positivismo.²⁶

Ou seja, a cidade mudou muito entre os anos 1850 e 1880, conforme atestaram alguns viajantes que fizeram comparações opostas entre Rio de Janeiro e São Paulo. Se, em 1855, o norte-americano J. C. Fletcher caracterizou São Paulo como “mais intelectual e menos comercial” do que a capital do Império, em 1909 o francês Denis afirmou o oposto:

A sociedade de São Paulo é menos dada à literatura, dicção e eloquência do que aquela do Rio; embora se sinta que São Paulo é mais ativa, ela não é a capital das letras brasileiras. Está profundamente envolvida com questões econômicas.²⁷

O grau de bacharel, antes carregado de responsabilidades pioneiras para delinear horizontes da vida nacional, não passaria agora de um nicho na ordem urbana burocrática. Diferentemente dos românticos de meados do século XIX, os estudantes escritores pós 1880 formavam cliques boêmias e mostravam suas excentricidades em uma poesia lânguida de caráter ornamental. Foi só por volta de 1916, com o advento do modernismo, que a intelectualidade paulista começou a vislumbrar perspectivas de uma nova arte.²⁸ É importante notar, contudo, que a maioria dos modernistas nasceu a partir de 1890 e foram parte da primeira geração que experienciou São Paulo como uma metrópole desde a infância. A principal tarefa assumida por grande parte deles foi incorporar arte e sociedade. No fim do século XIX a arte tinha assumido em sentido de virtuosidade, de isolamento do artista em relação à sociedade. Os modernistas eram, como os românticos, artistas integrados a suas comunidades.²⁹ O que impressionava Morse nos jovens modernistas não era a insolência ou iconoclastia, mas a autoconsciência e o senso de missão.

²⁶ Little demand existed for the political and philosophic speculation of earlier decades-except perhaps when fragments of federalist theory were exhumed to chide the government for siphoning off paulista wealth. So confident was the city of the rewards and inevitability of its progress that, in contrast to Rio de Janeiro, it scarcely offered a foothold to the formal cult of positivism. MORSE, R. OP. cit., p. 430-431.

²⁷ "The society of Sao Paulo is less given to literature, diction and eloquence than that of Rio; though one feels it to be more active, Sao Paulo is not the capital of Brazilian letters. It is impassioned over economic questions." APUD MORSE, R. Op. cit., p.431.

²⁸ ANDRADE, Mário. O movimento modernista. Rio de Janeiro, 1942, p. 16. APUD MORSE, R. M. Op. cit., p. 434.

²⁹ MORSE, R. M. Op. cit., p. 434.

Mas não apenas os poetas e viajantes dotados de olhares externos viam com suspeita o vertiginoso progresso de São Paulo. O sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, quem sabe por sua longa estadia no exterior, é também citado por Morse por feito uma crítica ao mero progresso econômico e técnico deixando de lado outras dimensões da vida. O pernambucano associava a passagem da monarquia à república no Brasil à negação da herança afro-portuguesa, quando as famílias tradicionais leiloaram suas peças de prata e jacarandá aos estrangeiros, substituindo-as por modismos importados da Europa. Segundo Freyre, os clássicos e as humanidades perderam espaço para as disciplinas técnicas e práticas. “Crianças eram batizadas com os nomes Newton, Jefferson ou Edison ao invés de Ulysses, Demosthenes e Cícero. Palavras difíceis como ‘trust’, ‘funding loan’ e ‘deficit’ eram injetadas no vocabulário”.³⁰ Nessa atmosfera cultural, conclui Morse, “os hobbies eram subordinados ao progresso material, tornando-se adjuntos ao invés de uma dimensão da vida cívica da cidade.”³¹

É interessante Morse citar Gilberto Freyre lado a lado com a crítica modernista paulista ao culto do progresso, questionado por Freyre por se auto considerar o modernismo por antonomásia. Já a visão de Morse sobre a singular coexistência (com coerência e vitalidade) da tradição doméstica da “comunidade” com uma ordem universalista de “metrópole” parecia incorporar a versão paulista do modernismo. e não um genericamente “brasileiro”. Essa potencial discordância na análise do modernismo não parecia interferir na admiração de Morse por Freyre, que fazia dele, como de outros pensadores sua própria leitura, para reforçar suas hipóteses. Neste caso, Morse recorre a Freyre para expressar sua própria opinião sobre progresso material desprovido de uma visão. Mas a presença mais forte de Freyre está, em meu ver, no uso e tratamento das fontes de tipos variados para compor um quadro da “mentalidade” de São Paulo.

A avaliação positiva do modernismo na modelagem de São Paulo neste texto como que ensaia uma tese posteriormente defendida por Morse nos anos 1980 e 1990: a América Latina e o Brasil, diferentemente de países “subdesenvolvidos” como Alemanha, Rússia e Japão, não iniciaram seus processos de busca de identidade até o surgimento do modernismo nas primeiras décadas do século XX. Esta tese é documentada na comparação entre as cidades periféricas da Áustria, Rússia e Alemanha

³⁰ FREYRE, Gilberto. “O período republicano”. ' Boletim bibliográfico, I, 2 (January-March, 1944), pp. 61-72. APUD MORSE, R. Op. cit., p.432.

³¹ Idem. Children were baptized Newton, Jefferson and Edison instead of Ulysses, Demosthenes and Cicero. Harsh English words like " trust", " funding-loan "and " deficit " were injected into vocabulary.

com as da França e da Inglaterra, de 1984, e expandida àquela entre a América Latina e a Europa, em “A multidiversidade na busca pela identidade na América Latina”, de 1995. Aqui a comparação era ainda doméstica: entre São Paulo e Rio.

2. Morse e os estudos sobre cidades e identidades nas décadas de 1980 e 1990: defesa de Gilberto Freyre

Em um congresso de latino-americanistas na Universidade de Stanford, em 1983, Morse apresentou um texto intitulado “Brazilianists, God Bless Them! What in the World is to be done?”, no qual criticava profundamente seus colegas brasilianistas por, dentre outras limitações, não se valerem da contribuição dos escritores brasileiros em suas interpretações do país. Ele certamente seguiu a própria receita. Dentre nossos intérpretes, se referiu ao clássico trio da década de 1930: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

Sua enfática e aberta defesa de Freyre é reveladora da mudança do clima intelectual no Brasil da obra freyreana. Morse considera *Casa grande & senzala* o primeiro torpedo dessa geração, ao oferecer um tratamento heterodoxo de assuntos sexuais e da decisiva importância da herança africana na modelagem do modo de ser brasileiro. Mas se “nos idos de 1950 Gilberto estava sob ataque dos sociólogos paulistas por elitismo e saudosismo, e por sua incapacidade de mostrar a dinâmica do processo social”, nos anos 1980, o cenário era bem diferente: os cientistas sociais brasileiros estavam revisitando Freyre com uma mente aberta que Morse esperava que fosse também adotada por seus colegas brasilianistas.³²

Morse via em Freyre um freudiano que prescindia de Freud, que embora nunca tenha feito uma leitura extensiva e penetrante de Freud (ou de qualquer outro pensador), era um freudiano, em si mesmo, em sua busca por arquétipos que governavam os homens e as instituições; seu fascínio por etnicidade, sexo, autoridade, transferência e sublimação; sua visão entrópica do processo histórico.³³

³² By the 1950s Gilberto of course was under attack from Paulista sociologists for elitism and *saudosismo* and for his failure to show a dynamic for social process. MORSE, Richard M. *Brazilianists*, p. 5. Coincidentemente, ou não, Morse receberia uma acusação semelhante poucos anos depois, com a publicação do *Espelho de Próspero* no Brasil, em 1988.

³³ Although Gilberto - so far as is evident - never gave Freud (or anyone else) an extensive, penetrating reading, he was a kind of Freudian by private invention in his search for archetypes that govern behavior

Era um “freudiano manqué” pois:

enquanto Freud era inspirado por obsessões provadas e relatos clínicos Freyre se auto-abastecia com o que escrevia. Enquanto Freud valorizava a sexualidade, com todas as suas ambivalências, Gilberto trabalhou, e com efeitos similares, para legitimar a cultura ibérica.³⁴

Acho difícil imaginar um elogio mais eloquente. O desejo de Morse era fazer o que atribuía a Freyre, matizado por outro autor muito admirado por ele: Sigmund Freud.

Gilberto Freyre voltou a ser elogiado em um ensaio de 1992, sintomaticamente intitulado “Cidades como pessoas” (Cities as People), no qual psicologia, sociologia e literatura se entrecruzam harmonicamente. A tese de Morse é que após 1920, os intelectuais latino-americanos quebraram o molde positivista de seus antecessores para conceber formas mais particulares e imaginativas de ver o fenômeno urbano. Em *Sobrados e Mucambos* (1936), Gilberto Freyre examinou a reconstituição da vida rural e patriarcal dentro do domínio urbano do século XIX. Ao fazer isso, rompeu com a centenária denúncia da herança ibérica para estabelecer uma posição relativista que rendeu explicações mais ricas para a lógica das instituições urbanas. Ele demonstrou especial sensibilidade ao assinalar correspondências estabelecidas entre a forma física da cidade brasileira – sua arquitetura particular e espaços públicos – e sua organização social em mudança.

Para Freyre, o coração da sociedade urbana era o “patriarcado urbano”, cuja decadência ele narrou com riqueza de detalhes e com nostálgica condescendência. Ele lidou com a “cidadeficação” (social, cultural, de atitude) e não com a urbanização (sociológica, política, econômica). A cidade era um veículo, não um motor para a mudança, enquanto os seres humanos eram atores, não agentes. No entanto, se Freyre falhou em transmitir uma sensação de dialética implacável da história na era capitalista, sua paciência com as minúcias da experiência humana tornou a sociedade urbana visível, dando ao intelecto um suporte renovado após o interregno positivista. De forma muito pessoal, ele domesticou a cidade ocidental nos processos do mundo ibérico.

and institutions; his fascination with ethnicity, sex, authority, transference, and sublimation; and his entropic view of historical process. MORSE, R. Op. cit. p.5

³⁴ Granted, Gilberto was a Freudian *manqué*, for while Freud's private obsessions inspired and informed his clinical reporting, Gilberto's uncensored suffuse what he writes. Yet just as Freud contributed mightily to legitimize sexuality, with all the ambivalent results thereof, so Gilberto has labored, with similarly equivocal effects, to legitimize Iberian culture. MORSE, R. Op. cit., p.5

Era mais ou menos o que Morse ambicionava com sua biografia de São Paulo. O argentino Ezequiel Martínez Estrada, em *X-Ray of the Pampa* (1933) e *La cabeza de Goliath* (1940), também se baseou, como Freyre, na psicanálise elaborar sua análise de Buenos Aires. Mas, para ele, isso significava recuar da história do mundo exterior para ampliar imagens e obsessões da psique privada. Ao invés de projetar suas próprias obsessões sobre a nação à maneira autoindulgente de Freyre, ele se comprometeu a analisar a mente da coletividade. Martínez Estrada descreveu uma metrópole cujos habitantes viviam na periferia da Europa; olhar para o “interior” era, para eles, olhar para o estrangeiro.

O importante a assinalar é que para ambos, como para Morse, chegar a um acordo com a cidade moderna significava ficar em paz com sua história em vez de propor uma agenda de “reformas” práticas. Para Freyre, essa história era relativamente benigna e oferecia diretrizes culturais para a adaptação da vida e das instituições urbanas ao mundo contemporâneo. Essas sugestões se tornaram explícitas em seus estudos sobre a “lusu-tropicologia”. Para Martínez Estrada a história da Argentina era opressiva porque havia sido suprimida. A cidade urbana moderna carecia de estrutura, forma ou força espiritual de união. Somente trazendo à consciência os fantasmas do passado, ele insistiu, eles poderiam ser exorcizados para que os argentinos pudessem viver juntos em saúde.³⁵ Morse devorou ambos.

Conclusão

O brasileiro Gilberto Freyre concluiu seu doutorado em Columbia University em 1922, ano da Semana de Arte Moderna e do nascimento de Richard Morse. O fato de os dois terem frequentado a mesma instituição pode ser simples coincidência, ou não, como diria Caetano Veloso. Também pode ser coincidência o fato de serem dotados de personalidades semelhantes: ambos eram muito ecléticos, conciliadores e sedutores.³⁶ Outros cruzamentos entre as trajetórias de ambos são, contudo, menos subjetivos. Morse chegou em São Paulo pouco mais de dez anos após a publicação de *Casa Grande & Senzala* e a de *Raízes do Brasil*. Tornou-se imediatamente grande amigo e admirador

³⁵ MORSE, R. M. “Cities as People”, pp. 13 e 14

³⁶ FONSECA, Edson Neri. *O grande sedutor: escritos sobre Gilberto Freyre de 1945 até hoje*. Rio de Janeiro: Cassaral, 2011.

de Sérgio e registrou apenas um encontro com Gilberto Freyre na Editora José Olympio, no Rio de Janeiro.

Morse conviveu intimamente com a intelectualidade paulista e é compreensível, quase inevitável sua aproximação com eles. Isso não impede, contudo, que busquemos outras influências brasileiras em seu pensamento. Conforme tentei mostrar, Morse pode não ter sido muito muito explícito em sua admiração por Freyre até os anos 1980, embora o pernambucano já fosse importante presença em sua interpretação cultural da história de São Paulo de 1954, que te bastante em comum com *Sobrados e Mucambos*. No texto de 1983 Gilberto foi incluído entre os grandes intérpretes do Brasil que, como Sérgio Buarque de Holanda, viram na psicologia uma aliada da história, da sociologia, da etnografia, da geografia, etc.

O crítico literário Antonio Candido, talvez o melhor amigo brasileiro de Morse, referiu-se recentemente a Gilberto Freyre como talvez o maior intelectual de sua própria geração.³⁷ Sua admiração por Morse devia-se a motivações semelhantes: a flexibilidade e originalidade para lidar com fontes variadas e perspectivas teóricas supostamente inconciliáveis. Mas o cenário intelectual de meados do século XX era talvez mais dicotômico que seus atores, e Candido e o Freyre certamente tornaram-se como que representantes de grupos diferentes. O Morse que eu conheci jamais seria “desleal” com o amigo, o que não significava não escrever exatamente o que queria. Talvez em função de sua personalidade, paradoxalmente conciliadora (no Brasil) e polêmica (nos Estados Unidos), tenha evitado colocar o dedo na ferida chamada “Gilberto Freyre” por algumas décadas, até porque certas deferências diretas eram talvez desnecessárias, e certamente não apropriadas em determinados contextos.³⁸ Talvez Morse, com seu olhar estrangeiro, não considerasse um grande problema que seus amigos paulistas ainda não estivessem prontos para a devoração de um nordestino. Ou seja, o mesmo Morse amigo e afinado com o modernismo e mesmo com críticos dele em São Paulo tinha também suas simpatias, e efetivamente assimilava intelectuais de outras partes do Brasil. Posto desta forma, a influência marcante de GF na obra de Morse não disputa com aquela de Sérgio Buarque de Holanda, Oswald de Andrade ou Antonio Candido. Apenas acrescenta uma vertente a mais do ecletismo morsiano no processo de devoração da cultura brasileira.

³⁷ Entrevista com Antonio Candido. Op. Cit.

³⁸ As cartas de Morse a Antonio Candido desde 1948 até 1992 reforçam essa impressão.